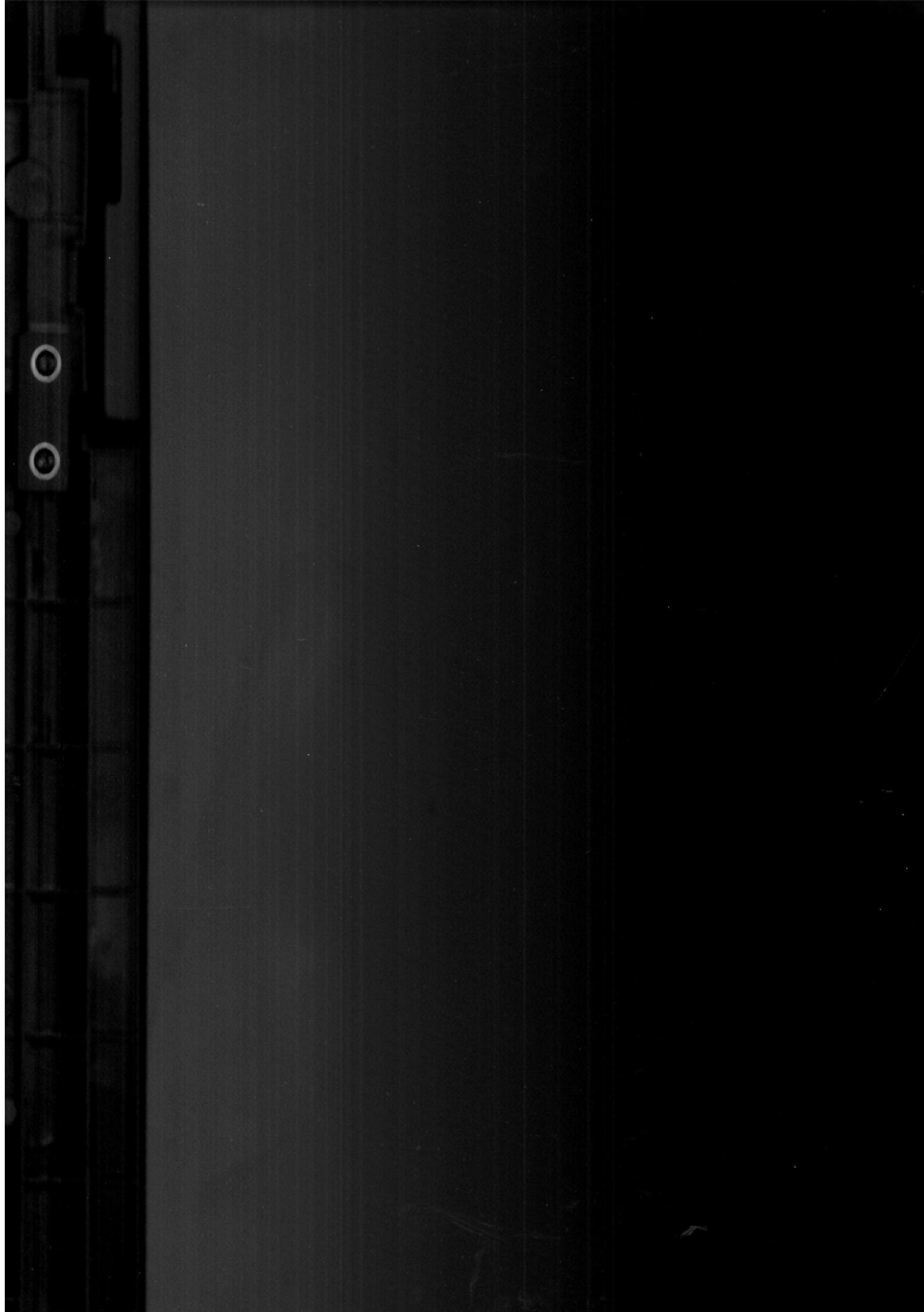




16.6. Pronomes reflexivos

Na seção 4, fazemos a observação de que não há formas especiais para o reflexivo. Ver também a discussão do terceiro capítulo sobre a teoria de vinculação.

16.7. Pronomes recíprocos

Ver a seção 4.

16.8. Pronomes interrogativos

A única forma pronominal de interrogação é kaof "quem". Este elemento é usado exclusivamente em construções interrogativas, ou seja, ele nunca funciona como o núcleo de uma cláusula relativa etc. Ver a seção 10 para uma discussão mais ampla.

16.9. Pronomes relativos

Ver a seção 15.3.2. Não há pronomes relativos no pirahã.

17. Estrutura das locuções adposicionais

17.1. Sufixos locativos e direcionais

Há dois morfemas no pirahã para expressar as noções de local e direção. Estes são os sufixos nominais -ó "locativo" e -xio "direção". Estes podem ser afixados a nomes, ao elemento WH, go, ou a pósposicionais. Há uma restrição sobre a ocorrência de -xio que proíbe o seu uso independente de -ó. Isto é, a afixação de -ó é uma condição necessária para a afixação de -xio (uma condição tanto lógica como linear).

Como se vê nos exemplos abaixo, mudanças morfológicas na raiz resultam da afixação desses elementos. Ver a seção 23 para uma discussão breve da morfofonologia do pirahã.

(325) (a) xoí "Mato."

(b) xo-ó "No mato."

(c) xo-ó-xio "Para/indo para o mato."

(326) (a) kaifi "Casa."

(b) kaif-o "Na casa / em casa."

(c) kaif-ó-xio "Para/indo para (a) casa."

(327) (a) go "O que? (elemento WH)."

(b) go-ó "Onde?"

Não há um exemplo (c) da última série. Isto é, -xio nunca é afixado a go.

Não tenho nenhuma explicação para as mudanças tonais do exemplo 326. Uma discussão de algumas regras de perturbação tonal se encontra na seção 22, embora isto seja apenas o início do estudo de um sistema extremamente complexo.

17.2. Formas livres

Há várias pósposicionais de posição, localização e associação que podem ou combinar-se com -ó e -xio ou aparecer de forma livre.

(328) xisigíniif xagao ko -ó
carne canoa dentro-locativo

"(A) carne (está) dentro da canoa."

No exemplo acima, 328, o sufixo locativo -ó é afixado à pósposição ko



"dentro" (da palavra koxoí "estômago"). Da mesma forma -ó se afixa a outras posições:

(329) tábo xapo -ó xihi -ái -p -a -áti

tábua cabeça-locativo botar-atélico-imperfectivo-remoto-incerteza

"Bota em cima da mesa."

(330) góí kaif-o xahoa-ó xab -áti

2 imperativo casa-locativo lado -locativo ficar-incerteza

"Fique ao lado da casa."

Note-se a ocorrência dupla de -ó no exemplo 330. Isso difere dos exemplos 328 e 329, já que o nome da locução posposicional também manifesta o sufixo. Embora esse tipo de ocorrência dupla seja comum, não estou certo a respeito das suas condições. Como se vê nos exemplos 328 e 329, posposicionais de localização são geralmente derivadas dos nomes de partes do corpo.

As locuções posposicionais também podem ser negadas:

(331) xoogiái hi kaii-ó -xio

nome próprio 3 casa-locacional-direcional

hiab -iig -á

negativo-continuativo-remoto

"Xoogiái não (está indo) para casa."

Não tenho observado casos de "preposition stranding" nos meus dados (cf. o inglês "Apples, I want a lot of"). Também, nos meus dados, os elementos posposicionais são restritos ao ambiente, SN_____, isto é, eles só ocorrem com locuções nominais.

18. Estrutura verbal

18.1. Introdução

18.1.1. Comentários gerais

Como na maioria das línguas amazônicas, a área que tem sido mais difícil de analisar no pirahã é o sistema verbal. Embora o meu entendimento desse sistema esteja crescendo rapidamente através da aprendizagem da língua, ainda estou longe de uma análise completa.

Além das várias complicações morfológicas (ver as seções 21 e 22), há muita relutância contra a repetição "verbatim" (palavra por palavra). Os informantes preferem parafrasear em vez de repetir, pensando, aparentemente, que já que o lingüista não entendeu a primeira frase, talvez ajude colocar tudo numa forma diferente. Ademais, isto, mais o fato de eles serem monolíngües (o que torna qualquer tentativa de conseguir uma tradução dos exemplos extremamente difícil) complica muito a tarefa do lingüista.

Embora SS (1976) liste dez classes posicionais para os sufixos, com aproximadamente três membros de cada classe, acredito que o número seja maior - até dezenove, com vários suprafixos tonais. Porém, isso vai além da nossa capacidade no presente, e portanto, não será tratado aqui.

Com a exceção de pronomes imperativos (ver as seções 9, 11 e 16, acima), as categorias abaixo são expressas exclusivamente por afixos. Não tentamos proporcionar nenhum tratamento exaustivo dos verbos do pirahã neste trabalho. Este estudo tem sido ajudado muito pelo estudo pioneiro de SS (1976), embora tenha dúvidas sobre certas seções daquele trabalho. De qualquer maneira, a responsabilidade desta seção é minha, e as conclusões, erros etc. são também meus. A exemplificação dos sufixos é restrita a poucos exemplos nesta seção, já que todos os sufixos são exemplificados várias vezes nas demais seções.

18.1.2. Restrições de coocorrência dos sufixos verbais

Nem todos os sufixos discutidos abaixo podem ocorrer simultaneamente. Isso é porque há várias classes posicionais em relação à raiz verbal, cada uma das quais possui vários membros. Entre essas classes há várias restrições na coocorrência semântica, morfológica e, talvez, pragmática. Ver o gráfico na página que se segue para uma visão geral das classes posicionais e os vários sufixos (ver também Muysken (1982)). Talvez seja

"dentro" (da palavra koxof "estômago"). Da mesma forma -ó se afixa a outras posições:

(329) tábo xapo -ó xihi -ái -p -a -ái
tábua cabeça-locativo botar-atélico-imperfectivo-remoto-incerteza

"Bota em cima da mesa."

(330) góí kaif-o xahoa-ó xab -ái
2 imperativo casa-locativo lado -locativo ficar-incerteza

"Fique ao lado da casa."

Note-se a ocorrência dupla de -ó no exemplo 330. Isso difere dos exemplos 328 e 329, já que o nome da locução pósposicional também manifesta o sufixo. Embora esse tipo de ocorrência dupla seja comum, não estou certo a respeito das suas condições. Como se vê nos exemplos 328 e 329, posições de localização são geralmente derivadas dos nomes de partes do corpo.

As locuções pósposicionais também podem ser negadas:

(331) xoogiái hi kaii-ó -xio
nome próprio 3 casa-locacional-direcional
hiab -iig -á
negativo-continuativo-remoto

"Xoogiái não (está indo) para casa."

Não tenho observado casos de "preposition stranding" nos meus dados (cf. o inglês "Apples, I want a lot of"). Também, nos meus dados, os elementos pósposicionais são restritos ao ambiente, SN_____, isto é, eles só ocorrem com locuções nominais.

18. Estrutura verbal

18.1. Introdução

18.1.1. Comentários gerais

Como na maioria das línguas amazônicas, a área que tem sido mais difícil de analisar no pirahã é o sistema verbal. Embora o meu entendimento desse sistema esteja crescendo rapidamente através da aprendizagem da língua, ainda estou longe de uma análise completa.

Além das várias complicações morfofonológicas (ver as seções 21 e 22), há muita relutância contra a repetição "verbatim" (palavra por palavra). Os informantes preferem parafrasear em vez de repetir, pensando, aparentemente, que já que o linguísta não entendeu a primeira frase, talvez ajude colocar tudo numa forma diferente. Ademais, isto, mais o fato de eles serem monolíngües (o que torna qualquer tentativa de conseguir uma tradução dos exemplos extremamente difícil) complica muito a tarefa do linguísta.

Embora SS (1976) liste dez classes posicionais para os sufixos, com aproximadamente três membros de cada classe, acredito que o número seja maior - até dezenove, com vários suprafixos tonais. Porém, isso vai além da nossa capacidade no presente, e portanto, não será tratado aqui.

Com a exceção de pronomes imperativos (ver as seções 9, 11 e 16, acima), as categorias abaixo são expressas exclusivamente por afixos. Não tentamos proporcionar nenhum tratamento exaustivo dos verbos do pirahã neste trabalho. Este estudo tem sido ajudado muito pelo estudo pioneiro de SS (1976), embora tenha dúvidas sobre certas seções daquele trabalho. De qualquer maneira, a responsabilidade desta seção é minha, e as conclusões, erros etc. são também meus. A exemplificação dos sufixos é restrita a poucos exemplos nesta seção, já que todos os sufixos são exemplificados várias vezes nas demais seções.

18.1.2. Restrições de coocorrência dos sufixos verbais

Nem todos os sufixos discutidos abaixo podem ocorrer simultaneamente. Isso é porque há várias classes posicionais em relação à raiz verbal, cada uma das quais possui vários membros. Entre essas classes há várias restrições na coocorrência semântica, morfológica e, talvez, pragmática. Ver o gráfico na página que se segue para uma visão geral das classes posicionais e os vários sufixos (ver também Muysken (1982)). Talvez seja

Até o presente estágio da análise, tenho observado as restrições de coocorrência abaixo, as quais devem ser entendidas aqui, como uma tentativa inicial.

- Ver as subseções, abaixo, para discussões mais amplas destas restrições. Destacaremos, mais uma vez, o fato de que esta lista é parcial e representa apenas uma tentativa inicial de analisar as coerências dos sufixos.

Raz	Posições Incorporação	Duração da Ação	Realização da Ação	Divisão da Ação	Desiderativo	Negação	Continuativo	Interrogativos
cf. 18.8.	- <u>ab</u> 'durativo'	- <u>áo</u> 'télico' - <u>ái</u> 'atélico'	- <u>b</u> 'perfectivo'	- <u>sog</u> 'desiderativo'	- <u>hiab</u> 'negativo' - <u>sahaxáf</u> 'proibitivo'	- <u>xilq</u> 'continuativo'	- <u>xóáíf</u> 'interrogativo' - <u>xoxái</u> 'interrogativo' - <u>hoaxái</u> 'interrogativo'	

(continuação)

Ingressivo	Referencial	[Iterativo]	Certeza	Ação Frustrada	Intensivo	Enfático	Condicional Temporal Nominalizador	Conclusivo	Resultado
- <u>hoag</u> 'estado'	-i 'próximo'	-tá 'iterativo'	-âi 'incerteza'	-âbagaf 'iniciação frustrada'	-baf 'intensivo'	-kôf 'enfático'	-so 'temporal'	-hfai 'comentário'	-tafo 'resultado'
-hói 'ação'	-ã 'remoto'		-haf 'certeza relativa'	-âbai 'término frustrado'			-sai 'condicional/nominalizador'	-xâgahê 'observação'	
			-há 'certeza completa'				-si 'nominalizador' (7)	-sibiga 'dedução'	

18.2. Tempo

Não há divisões temporais correspondentes às noções de "passado", "presente" e "futuro". A referência temporal é entendida através das combinações de aspectos e o contexto. Todas as formas verbais são ambíguas quanto ao tempo, exigindo um conhecimento do contexto para esclarecimento.

18.3. Aspecto

18.3.1. Perfectivo (-b)

Segundo Comrie (1976:16), "...perfectivity indicates the view of a situation as a single whole...". Por esse motivo temos chamado a quinta classe posicional de "divisão da ação". (O falante pode perceber a ação como um todo ou em termos da sua composição interna).

O aspecto perfectivo é expresso por -b. A combinação de -b com outros aspectos como télico ou atélico possibilita tanto a caracterização da ação quanto a sua localização temporal em relação a um determinado ponto de referência (normalmente o tempo no ato da fala. Não entrarei numa discussão deste assunto aqui devido ao pouco conhecimento que tenho dele no momento.).

- (332) ti xis ab -áo -b -í
 1 animal pegar-télico-perfectivo-próximo
 -haí kaahaixái
 -certeza relativa arara

"Eu pegarei/peguei uma arara."

- (333) xogió xap -áo -b -í -hi
 tudo quebrar-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

"Tudo quebrou."

- (334) xagaísi hiab -áo -b -á
 farinha negativo-télico-perfectivo-remoto

"A farinha acabou."

18.3.2. Imperfectivo (-p)

O sufixo imperfectivo é -p. O imperfectivo indica que a ação é "analísada" e o falante não está enfocando-a como um todo, mas sim, em termos dos seus componentes (cf. Comrie (1976)).

- (335) xísi xaab -ái -p
 animal morder/mastigar-atélico-imperfectivo

-á giopaí xaíti
 -remoto cachorro cutia

"O cachorro estava comendo (mastigando) a cutia."

- (336) ti xis o -áo -p -í
 1 animal procurar-télico-imperfectivo-próximo
 -haí kaahaixái
 -certeza relativa arara

"Eu estava/estarei procurando uma arara."

- (337) ti koho -ái -p -í -haí
 1 comer-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

xahoahíai
 outro dia

"Eu estava/estarei comendo amanhã/outro dia."



- (381) ti gíxai xog -i -baí -koí
1 2 gostar-epentético-intensivo-enfático

"Eu gosto muito de você."

- (382) xi hiab -í -koí
coisa negativo-epentético-enfático

"Não tem mesmo (aquilo)."

Mas veja o exemplo seguinte:

- ?(383) xi hiab -i -baí
coisa negativo-epentético-intensivo

"Não tem mesmo (aquilo)."

18.7.5. Ação frustrada

18.7.5.1. Iniciativa frustrada (-ábagai)

Este sufixo exprime a noção de uma ação (ou estado) que era para começar, mas foi frustrada antes de sua iniciativa, algo que "quase começou". -ábagai aparece frequentemente com o verbo xog "querer". Minha intuição sobre estes casos é de que -ábagai diminui a força ilocucionária do pedido (indireto; cf. seção 9). Ou seja, a pessoa fazendo o pedido indireto não diz que "quer" o objeto (ou o comportamento) em questão, mas que "quase começou a querer". A expressão da frustração resulta da incerteza sobre a reação do ouvinte, que nem lhe permite querer a coisa. Esse uso de -ábagai parece ser idiomático, dificultando uma caracterização precisa do fenômeno.

- (384) hi xí koho -áo -b -ábagai
3 coisa comer-télico-perfectivo-iniciativa frustrada

"Ele quase (começou a) comê-lo."

- (385) ti xog -ábagai
1 querer-iniciativa frustrada

"Eu quase (o) quero."

18.7.5.2. Término frustrado (-ábai)

Uma ação iniciada, mas não completada pode ser marcada pelo sufixo -ábai.

- (386) hi baitigiísi is ib -áo
3 espécie de peixe animal flechar-télico

-b -ábai
-perfectivo-término frustrado

"Ele quase flechou o peixe."

No exemplo 386 o agente atirou a flecha mas não acertou. Isso é diferente de -ábagai, porque a ação (flechar) foi iniciada, mas o alvo não foi atingido. Com -ábagai o agente não teria atirado (mas teria quase atirado).

- (387) tiobáhai bigí kaob-ábai
criança terra cair-término frustrado

"A criança quase caiu."

No exemplo anterior, o falante percebeu que a criança começou a cair mas se segurou com um pau e não caiu.

- (374) hi gáí -sai ti tiiooi xob
3 dizer-nominalizador 1 borracha jogar

-í -sog -i -sai -híai
-epentético-desiderativo-epentético-nominalizador-hearsay

"Ele disse (que segundo o que ouviu) eu quero jogar a bola."

- (375) xaoói sigíhi xig -ab -op-i
estrangeiro carne levar-virar-ir-epentético

-sog -i -sai -híai
-desiderativo-epentético-nominalizador-hearsay

"(Segundo o que ouvi) o estrangeiro quer trazer a carne."

- (376) xagíi -híai ti biio- abá
bastar-comentário 1 cansado-durativo

"Chega, estou cansado."

18.7.2.3. Observação (-xáagahá)

Embora já tenhamos apresentado um sufixo, -há, que expressa uma certeza completa, outro sufixo, -xáagahá, existe para expressar a conclusão do falante baseada na sua observação pessoal. Etimologicamente, esse sufixo parece vir dos morfemas xaagá "ser/ter/estar" e -há "certeza completa".. Também, o uso de xáagahá parece implicar na continuação de uma ação, mas não tenho nada exato a dizer no momento.

- (377) paitá hi pii ap-i -sai -xáagahá
nome próprio 3 água ir-epentético-nominalizador-observação

"paitá vai nadar/tomar banho."

- (378) hoagaixóai hi páxai kaoapá
nome próprio 3 espécie de peixe pegar:pela:boca

-i -sai -xáagahá
-epentético-nominalizador-observação

"Hoagaixóai está pescando páxai."

18.7.3. Intensivo (-baf)

-baf é usado para aumentar a força ilocucionária de afirmações semelhante à palavra "mesmo".

- (379) baíxi hoagí xog -i -baf
pai filho gostar-epentético-intensivo

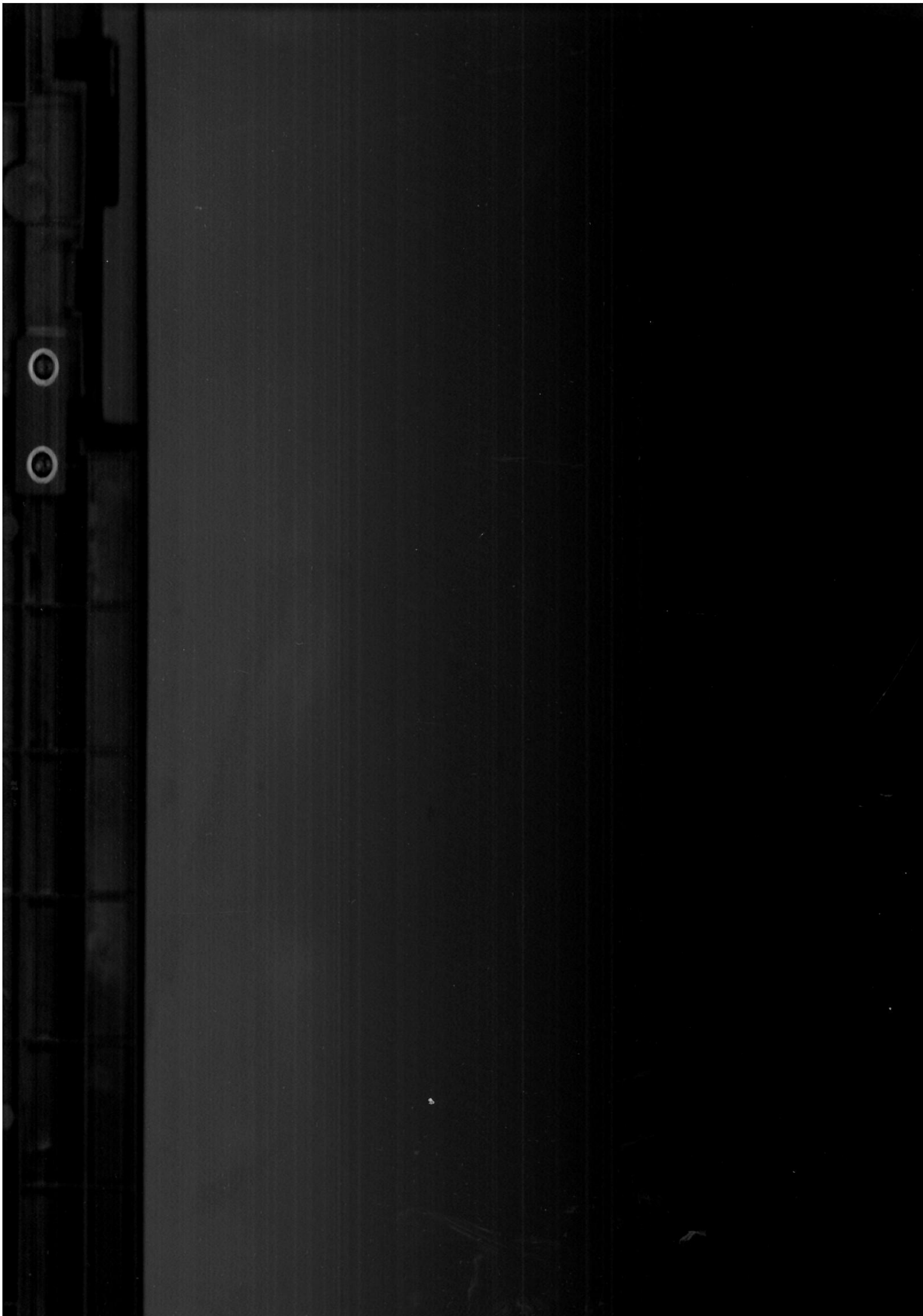
"O(s) pai(s) gosta(m) mesmo do(s) seu(s) filho(s)."

- (380) tiobáhai hi ag -i -baf
criança 3 brincar-epentético-intensivo

"A(s) criança(s) brinca(m) mesmo."

18.7.4. Enfático (-kof)

O sufixo enfático é muito semelhante ao intensivo, -baf. As únicas diferenças que tenho registrado até agora são: (i) -baf ocorre apenas com verbos ativos, enquanto -kof ocorre tanto com verbos quanto com modificadores; (ii) -kof pode seguir-se a -baf mas -baf nunca ocorre depois de -kof.



22.3.1.2.1.2. Fricativas

s ápico-alveolar; h glotal. O s se realiza opcionalmente como lâmino-alveopalatal antes de i.

22.3.1.2.2. Consoantes sonoras

b bilabial; g dorso-velar. O b se realiza opcionalmente como nasal bilabial depois da pausa e como vibrante bilabial antes de o. O g se realiza opcionalmente como nasal ápico-alveolar depois de pausa. Outro alofone de g, j, tem sido documentado em Everett (1982). Esse alofone é um flap lateral ápico-alveolar/sublâmino-labial egressivo. Este não tem sido registrado em nenhuma outra língua do mundo. Os alofones vibrantes das oclusivas sonoras têm bastante importância sociolingüística. Ver Everett (a sair c., em preparação a.).

22.3.1.2.3. Vogais

i anterior média-alta; a central baixa fechada; o posterior média alta fechada arredondada. O i é realizado (livremente) por todas as vogais anteriores médias e altas: [ε], [e], [ɛ], [i]. O o se realiza como posterior alta fechada arredondada [u], depois de h ou k e antes de i. Todas as vogais são nasalizadas opcionalmente depois de [m], [n], /x/ ou /h/.

22.3.1.3. Variação livre

A gramática do pirahã é especialmente marcada por um alto grau de 'regras opcionais' ou variação livre. Everett (a sair c.) discute um caso em particular envolvendo b e g que é restrito por fatores sociolingüísticos. Porém, há vários casos de variação livre que, aparentemente, ocorrem sem restrição alguma.

Além dos casos já mencionados acima (pwp^h; s^h; b^hwm; g^hj^h) temos registrado também os seguintes:

(i) em muitos idioletos, p e k são trocáveis:

(452) píaii ~ kíaii "Também" (~=varia com)

(453) xapaí ~ xakaí "Cabeça"

(ii) num número menor de idioletos p, t e k são trocáveis:

(454) koxopai ~ koxokai ~ koxotai etc. "Estômago"

"etc." quer dizer que a variação ocorre nas outras posições da palavra também.

(455) tapaí ~ takaí ~ tataí etc. "Nome próprio"

(iii) na maioria dos idioletos, ? (=x) varia com k no início da palavra:

(456) kosí ~ xosí "Olho"

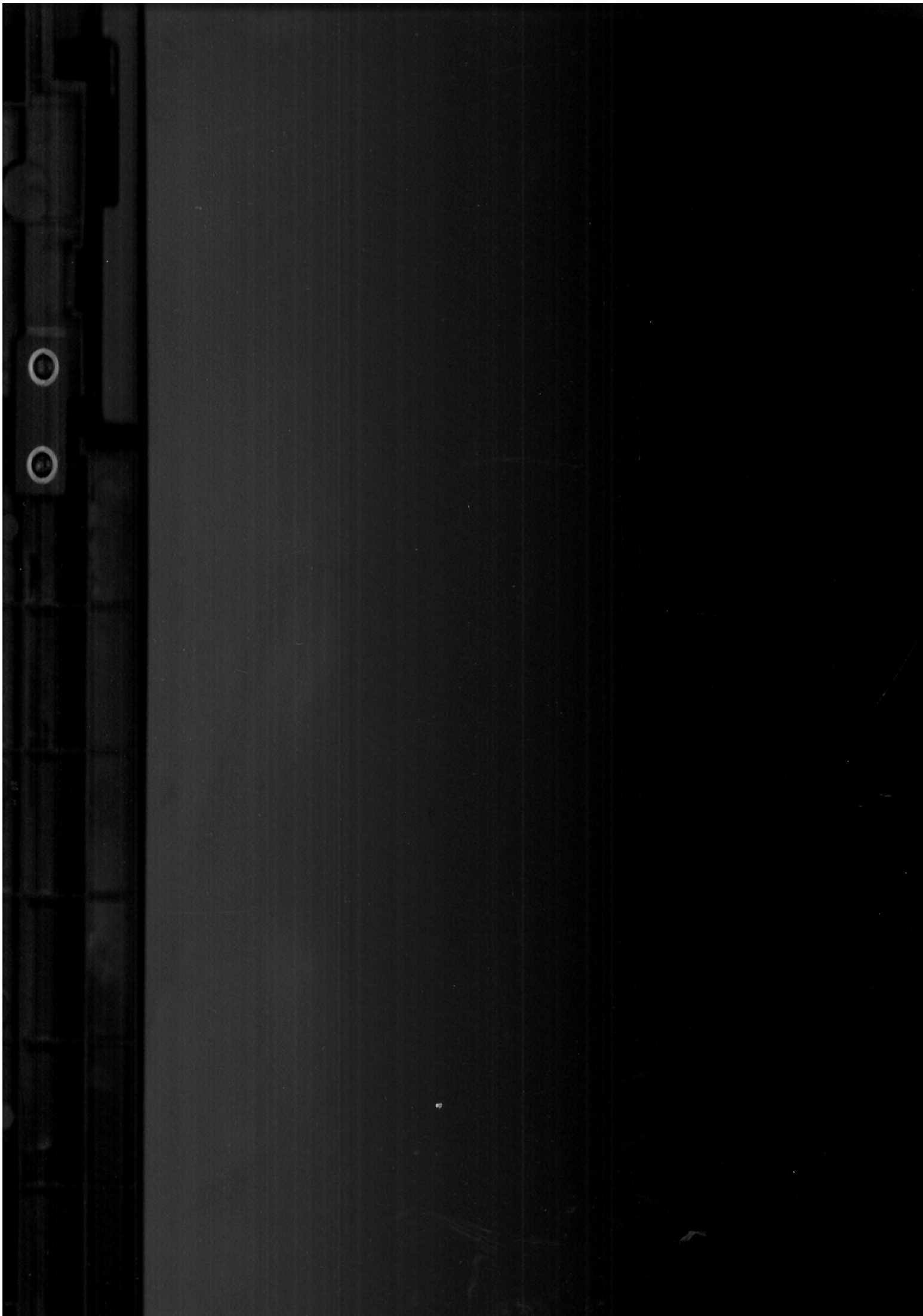
(457) kohoáipí ~ xohoáipí "Comer"

(iv) em vários idioletos masculinos (cf. a seção 22.3.2.) o s varia com h em sílabas finais (da palavra):

(458) kohoibiífsai ~ kohoibiíñai "Espécie de peixe"

(459) xapisí ~ xapiñí "Braço"

(v) em todos os idioletos registrados, hi varia com k; ho varia com kw e hoa varia com kwa e ko (ver Everett, em preparação a., para uma discussão



1.2. APG

1.2.1. Introdução

A primeira pergunta que colocamos aqui é: "Por que considerar a teoria APG nesta tese?"

Para chegarmos a uma visão epistemológica mais completa da gramática gerativa, faremos um pequeno desvio, discutindo brevemente a teoria conhecida pelos seus proponentes como "Arc-PAIR Grammar" (APG). Nossos objetivos nesta seção são:

- (i) entender por que os fundadores da APG acham necessário o desenvolvimento de uma alternativa à teoria gerativa;
- (ii) responder a certas perguntas sobre a APG: "Como é que ela se distingue da (RE)ST?"; "Será que ela atinge os seus objetivos?";
- (iii) refletir sobre as implicações da fundação e divergências da APG em relação à (RE)ST. O que é que estas implicações nos dizem a respeito da REST? da teoria lingüística em geral? da nossa análise do pirahã?

Esperamos até depois da discussão sobre as teorias de Kuhn, Lakatos e Feyerabend para responder às perguntas do item (iii). Porém, é importante que o nosso estudo introdutório à teoria gerativa não seja conduzido num vácuo, mas que ele inclua informação suficiente das perspectivas alternativas para que possamos chegar a uma caracterização mais válida e relevante para o tema geral desta tese.

1.2.2. Histórico breve

O leitor se lembrará que os dois problemas básicos da ST eram: (i) o poder (descritivo) da teoria, e (ii) a ênfase na linearidade dos constituintes. Em sua maior parte, a ST, a EST e a REST não ofereceram resposta alguma ao segundo problema. Este problema é extremamente relevante ao desenvolvimento destas teorias, já que todas elas procuram um entendimento da GU. Por exemplo:

A Teoria Chomskiana e uma Discussão Epistemológica

"We may think of the theory of grammar T as consisting of two parts: universal grammar UG that determines the class of possible grammars and way they operate, and a system of evolution that ranks potent grammars..." (CL: 427).

A questão levantada pela gramática relacional (o precursor da APG, abaixo) é a seguinte:

"Será que a GU coloca tanta importância nas configurações sintagmáticas quanto a teoria gerativa?" Se não, uma crítica séria poderia ser feita contra esta teoria.

Johnson (1977:153) resume esse problema:

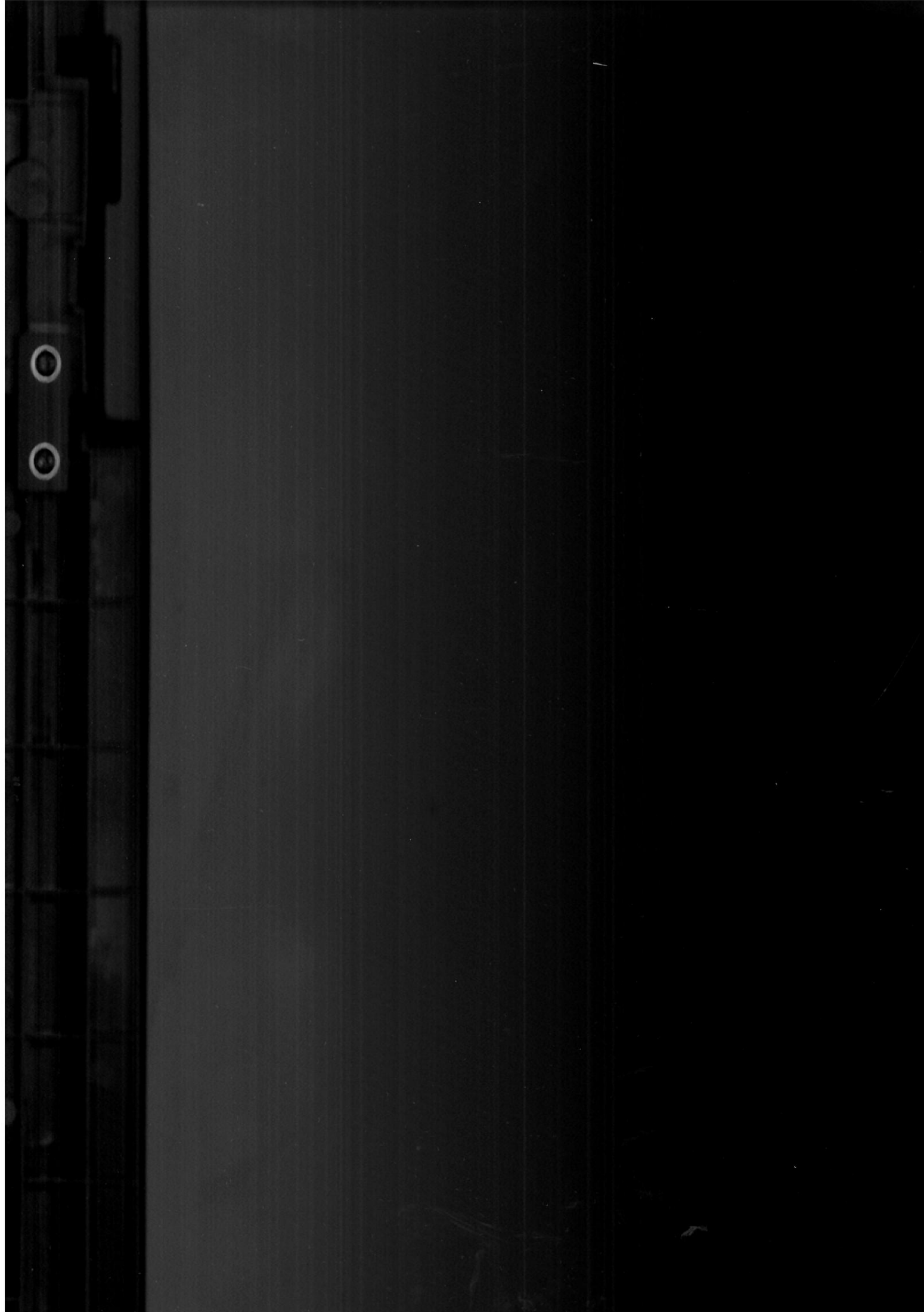
"The fundamental tenet of Relational Grammar is that grammatical relations such as "subject of" and "direct object of" play a central role in the syntax of natural languages, i.e. they are the proper units for description of many aspects of clause structure... Relational Grammar posits these grammatical relations as primitives in linguistic theory. This contrasts with the position of standard transformational grammar, which views such relations as definable in terms of constituent structure, notions of dominance and precedence."

E, falando especificamente sobre a passivização, Johnson continua:

"This change in grammatical relations holds to be the fundamental universal property of "passivization". Linear order and changes in verbal and nominal morphology are considered to be language specific "side effects"... (ibid).

Em outras palavras, esta teoria surgiu porque um determinado grupo de lingüistas percebeu certos problemas sérios na caracterização da GU pela teoria chomskiana.

Voltamos a avaliar os resultados desta teoria, especialmente em relação às "leading ideas" mencionadas anteriormente. Agora, porém, queremos entender melhor como funciona esta teoria.



correta da GU. Portanto, a APG apaga a lousa, exceto que mantém a mesma meta e começa com idéias novas.

No entanto, o fato de que o objetivo da APG é igual ao da REST apoia fortemente a afirmação de Chomsky:

"My own suspicion is that as research progresses, it will show that many of the most productive ideas are in fact shared by what appear to be quite different approaches" (1981b:3).

Ou seja, as diferenças não são tão grandes e poderiam ser até irrelevantes.

A questão crucial neste ponto é saber se há evidência empírica que nos permite escolher entre a REST e a APG. Pessoalmente, não sou muito otimista.

Isso tudo vem a dizer-nos, em termos da caracterização formal do pirahã, que temos escolhido a REST como a teoria mais inclusiva, mas não necessariamente a mais adequada. Ademais, a justificativa desta escolha é relativamente arbitrária.

Tentamos defender estas hipóteses abaixo através de uma discussão de três teorias epistemológicas: o "ciclo paradigmático" de Kuhn; o "programa de pesquisa" de Lakatos; e o "anarquismo" de Feyerabend.

2.2. Kuhn

2.2.1. O "ciclo paradigmático"

Na teoria de Kuhn, o progresso científico de uma determinada disciplina se caracteriza por um ciclo, através de:

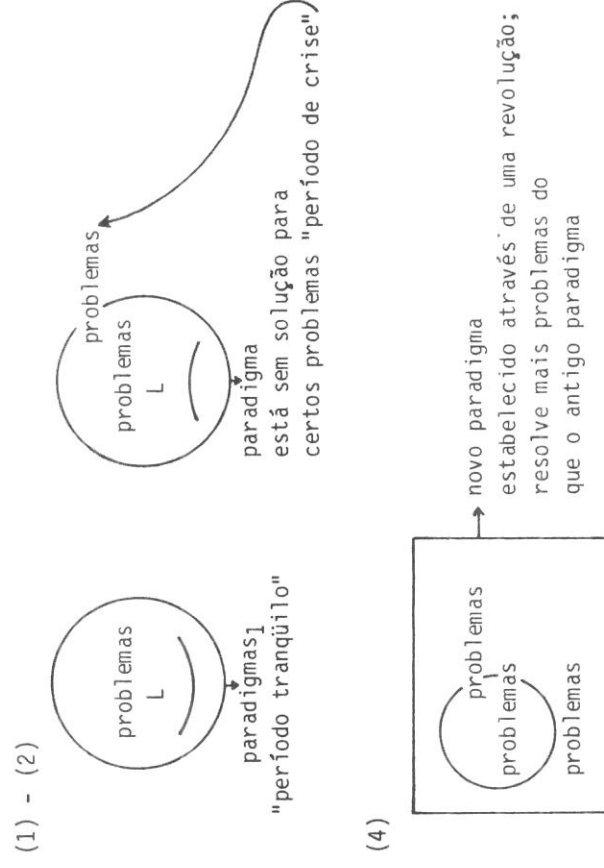
(1) o estabelecimento de um "paradigma" (cf. 2.2.2.), definido por Kuhn como "... universally recognized scientific achievements that for a time provide model problems and solutions to a community of practitioners" (1962:viii);

(2) um "período tranquilo", depois do estabelecimento do paradigma, no qual a maioria dos membros da disciplina praticam a chamada "ciência normal" (uma série de pesquisas ou "quebra-cabeças" aprovados por essa maioria);

(3) um "período de crise" em que o paradigma ou tem dificuldades, ou incapaz de resolver novos problemas levantados no decorrer da prática ("ciência normal");

(4) uma "revolução" pela qual um novo paradigma se estabelece, dando conta simultaneamente aos fatos problemáticos e aos fatos antigos.

De forma gráfica, podemos conceituar 1 - 4 pelo seguinte:



2.2.2. Aplicação da teoria kuhniana à lingüística

Referências numerosas na literatura à "revolução chomskyana" (Searl 1974; Smith e Wilson, 1979; etc.) e ao "paradigma gerativo" (Emonds (1976 Harmon (1974)) indicam que as noções kuhnianas têm exercido uma influência nítida sobre a conceituação da história da lingüística.

Tentemos aplicar este modelo aqui para chegar à nossa própria conclusão sobre sua relevância.

os princípios básicos de 'x', indo numa nova direção. (A primeira situação seria análoga a ST-EST-REST; a segunda, talvez, a ST-RG). De qualquer forma, o entendimento básico de uma teoria é dado como:

"... uma teoria só será "aceitável" ou "científica" se tiver um excesso corroborado do conteúdo empírico em relação a sua predecessora (ou rival), isto é, se levar à descoberta de novos fatos. Essa condição pode ser analisada em duas cláusulas: a nova teoria tem um excesso de conteúdo empírico ("aceitabilidade"), e parte desse excesso de conteúdo é verificada como "aceitabilidade₂". A primeira cláusula pode ser conferida instantaneamente por uma análise lógica a priori; a segunda só pode ser conferida empiricamente e isso talvez leve um tempo indefinido." (1970:141,142).

Cada teoria é um programa de pesquisa. A vantagem desta noção sobre a dos paradigmas é que ela não se refere à "comunidade científica" e, portanto, não julga disciplinas mas, teorias. Lakatos não se preocupa com o elemento sociológico do modelo de Kuhn.

2.3.2. "Shifts"

Numa sucessão de teorias, $T_1, \dots, T_n$, é possível avaliar empiricamente o progresso representado pela sucessão "shift" de T_i a T_{i+1} pela "metodologia" seguinte (que pressupõe que T_{i+1} é válida se, entre outras coisas, ela 'falsifica' T_i).

"... uma teoria científica T só será falsa se outra teoria T' for composta com as seguintes características: (1) T' tem um excesso de conteúdo empírico em relação a T , isto é, prediz fatos novos, a saber, fatos improváveis à luz de T ou mesmo proibidos por ela; (2) T' implica no êxito anterior de T , isto é, todo o conteúdo não refutado de T está incluído dentro dos limites de erro observado no conteúdo de T' ..."

Ao meu ver, porém, o modelo dos "programas de pesquisa" é deficiente num respeito crucial. Para Lakatos em "shift" é ou "progressivo", ou "degenerativo". A diferença é no seu conteúdo empírico. Contudo, não é claro como avaliar este conteúdo.

Em primeiro lugar, é perfeitamente plausível que T prediga fatos novos à luz de T' e vice versa (mas não os mesmos fatos, é claro). Neste caso Lakatos não tem nenhuma sugestão.

Em segundo lugar, parece-me que a noção de "conteúdo empírico" pode se entendida em termos do "poder descritivo" ou "poder explicativo" de um teoria (cf. o uso destas noções na discussão anterior). Devido a esta ambigüidade, o termo já é problemático. Ademais, em termos de poder descritivo, é claro que todas as sucessões teóricas desde Aspects (ST) têm sido "degenerative shifts" (isto é, sucessões sem progresso "inaceitáveis").

Veja-se o comentário de Chomsky:

"It is worth nothing that as theories of grammar have become more restrictive over the years ... certain topics ... have in effect been abandoned ..." (1981b:316, nota 6).

Como exemplo, Chomsky oferece o seguinte:

- "(i) [the shooting of the hunters] disturbed me.
- (ii) I was disturbed by [John's driving].
- (iii) [Visiting relatives] can be a nuisance.

More recent work has in effect abandoned the attempt to give principled account of such cases (which were a staple of earlier work resorting to lexical rules that are hardly more than descriptive statements..." (ibid)

Isto é, muito trabalho produtivo tem sido abandonado em favor de melhores explicações em outras áreas. No mesmo sentido, a APG tem deixado vários resultados interessantes da ST para explorar outros tópicos intratáveis pelo modelo transformacional.

"In the early 1970s a number of independent observations a discoveries by Comrie, Keenan, Morgan, Perlmutter, Postal and Ross spark an ever-growing awareness in the linguistics community that grammatical relations play a central role in the syntax of natural languages..." (Johnson, 1977:153).

Atualmente, a APG está fazendo propostas a respeito da incorporação da fonologia e da semântica na teoria (JP). Porém, há muitos anos a teoria vinha trabalhando apenas com "cláusulas básicas", justificando o esforço em termos do "poder explicativo". Isto é, a teoria nasceu com pouco conteúdo descritivo com relação à ST (prevendo alguns fatos novos, perdendo previsões em outras áreas do "êxito" da ST). Segundo os seus proponentes, no entanto, isso ocorre com maior conteúdo explicativo. Portanto, como entenderemos a noção de "conteúdo empírico"?

2.4. Paradigmas vs. programas de pesquisa

As teorias epistemológicas de Kuhn e Lakatos concordam em aceitar a noção de "progresso científico" como um elemento avaliável e distinguível. Diferem em vários pontos, porém, como nas suas áreas mais criticadas:

- (1) Kuhn - o aspecto social da sua teoria é difícil de aplicar com precisão e sua conexão lógica com a maturidade de uma disciplina é difícil de entender.
- (2) Lakatos - a noção de "conteúdo empírico" parece claro à primeira vista, mas se torna ambígua e difícil, se não impossível, de aplicar; ela pode referir-se ao "conteúdo descritivo" ou "explicativo", conceitos logicamente independentes.

Pressupondo, no momento, que os problemas da teoria de Kuhn são superáveis, rejeito a teoria de Lakatos porque, a meu ver, a noção de "conteúdo empírico" é imprecisa. Acredito que a 'tese de Duhem-Quine', rejeitada por Lakatos, contém a essência da dificuldade da teoria dos "programas de pesquisa". Esta tese diz que:

"... aconteça o que acontecer, qualquer pronunciamento pode ser considerado verdadeiro, se fizermos ajustamentos suficientemente drásticos em outros pontos do sistema ... inversamente, nenhum enunciado é imune à revisão." (229)

Tais "ajustamentos" são comuns em qualquer teoria. Eles podem ser úteis ou negativos. O mero fato da sua existência, porém, é um argumento contra

Lakatos. Isto é, qualquer teórico de mente ágil pode explicar contraexemplos à sua teoria e propor alternativas. O ciclo vicioso de crítica e resposta é interminável pelos critérios de Lakatos, especialmente o seu "conteúdo empírico".

Por outro lado, a teoria de Kuhn teria algum mérito se fosse possível modificar sua noção de "comunidade científica". Em vez de aplicar o termo "comunidade" a todos os lingüistas, por exemplo, poderíamos aplicá-lo aos gerativistas ou aos "relacionistas". De fato, Kuhn fez uma mudança nessa direção falando de "escolas" em vez de "comunidades" (1962:219ss). Também, Kuhn diz que:

"... comunidades podem certamente existir em muitos níveis".

Dentro deste contexto, podemos aceitar o trabalho inicial de Chomsky como uma "revolução" que estabeleceu um paradigma, mesmo que houvessem alternativas teóricas existentes lado a lado.

Gostaria de sugerir que o paradigma estabelecido por Chomsky não era um paradigma de transformações, mas sim, um novo quadro racionalista e mentalista "à busca" da UG. Neste sentido, todas as teorias estudadas aqui representam perspectivas diferentes dentro do mesmo quadro geral. Além das anotações e termos diferentes, há uma extensa área de concordância.

3. Conclusão

3.1. Revisão da evolução da teoria gerativa

Façamos uma pequena revisão dos pontos básicos que desenvolvemos neste capítulo a respeito da evolução da teoria gerativa.

Notamos que desde o começo da teoria gerativa-transformacional, em 1957, um dos objetivos principais tem sido o de "equilibrar" o poder descritivo e o poder explicativo da teoria. Isto tem sido realizado, em parte, pelo desenvolvimento de várias condições que atuam nos diversos níveis da gramática.

Por outro lado, certas teorias, tal como a APG (e até um certo ponto a semântica gerativa), começaram a investigar novas possibilidades para abordar os estudos da linguagem, menos afetadas pela ênfase na linearidade inerente na teoria transformacional.

existentes da lingüística. Poderia ser que as outras teorias são "apenas" os vestígios do estruturalismo. Mas o fato relevante é que o número de lingüistas que participam no "Generative Enterprise" (Chomsky (1982a)) talvez nem chegue a ser a maioria. Muitos lingüistas excelentes têm escolhidos outros modelos.

Na minha estimativa, isto não apresenta nenhum problema se nós lembrarmos que em todo estágio de nossa pesquisa a coleta de dados (Everett, a sair c.) a metodologia e até os próprios objetivos desta pesquisa (ver Chomsky - todas as referências, e Botha, 1981) são orientados pelas escolhas e pressuposições epistemológicas. Enfim, cada cientista define ele mesmo sua metas - por que está fazendo isto, o que quer saber?

Portanto, acredito que cabe ao pesquisador explicitar tudo isto (pelo menos para si mesmo) antes de começar, para que o seu empreendimento seja mais coerente.

Foram estas as considerações que me levaram a desenvolver este capítulo e inseri-lo aqui como um parêntese necessário ao nosso estudo.

A conclusão geral deste capítulo é que a lingüística não é uma ciência "madura" nos termos de Kuhn.¹⁴ Ela ainda não chegou a determinar quais são os fatos relevantes para melhorar nossa compreensão da GU:

"...we have little a priori insight into the demarcation of relevant facts - that is, into the question of which phenomena bear specifically on the structure of the language faculty..." (Chomsky, 1980a:2).

Portanto, precisamos ter cuidado para não ficarmos sérios demais tentando restringir o campo aos problemas ou soluções "aceitáveis", sabendo que nossos interesses individuais podem ser seguidos livremente, aproveitando o privilégio de participar na lingüística.

Contudo, junto com esta "liberdade" vêm desenvolvimentos encorajadores do tipo que temos visto acima.

"It does seem to me fair to say, however that for the first time in the long and rich history of the study of language, we are now in a position to put forth theories that have some of the right properties ... recent developments seem to me to open up new and exciting prospects ..." (Chomsky, 1981b:344).

NOTAS

CAPÍTULO I

1. Ver também o trabalho de Partee (1978: capítulo 4), que é apenas uma das várias elaborações do argumento de Chomsky.
2. Ver Chomsky (1957) para uma discussão dos termos "poderoso" e, especialmente, weak generative capacity. Basicamente, o poder de uma teoria consiste no número de gramáticas que seriam aceitáveis por esta teoria. Obviamente, a teoria mais poderosa aceitaria tudo. Mas, justamente por isso, esta teoria não explicaria nada. Discutimos a noção de "explicação" na seção 1.1.2.1.1.2. Na epistemologia chomskyana, procuramos uma caracterização, uma teoria de aprendizagem da linguagem por uma criança. Nossa teoria teria de ter "poder" suficiente para aceitar as gramáticas possíveis mas, ao mesmo tempo, ser suficientemente restrita para rejeitar as gramáticas impossíveis. Como diz Botha (1981:266ss):

"It is the aim of the general linguistic theory to give a characterization of all possible human languages. All possible human languages need not, of course be in current use..."

3. SN = sintagma nominal;
SV = sintagma verbal;
Aux = verbo auxiliar, representa basicamente o tempo.

4. A este respeito ver especialmente, Postal (1964).

5. Botha define a noção de poder explicativo da seguinte maneira:

"To say that a hypothesis has Explanatory Power is a short way of saying that the hypothesis may be used as (part of a) lawlike generalization in an explanation". (ibid:300)

Em outros palavras, é uma hipótese explícita e restrita. Uma hipótese sem restrições não seria explicativa nos termos de Chomsky, porque não nos levaria à formalização da noção da "Gramática Universal", um conjunto de princípios inatos pelo qual a criança adquire sua(s) língua(s) materna(s).

No mesmo trabalho em que Chomsky faz esta sugestão, ele mesmo levanta o que parece ser uma série de contraexemplos sérios. Porém, ele sugere que estes contraexemplos podem ser deixados de lado, por enquanto, explorando primeiro as implicações de um sistema mais simples, sem os índices anafóricos.

Uma pergunta óbvia é por que fazer isso? Por que a teoria seria de alguma forma "melhor" sem estes índices? Uma razão notada por Lasnik (1981:50):

"[In GB] Anaphoric indices are eliminated, obviously, a technical simplification, all else equal..."

Porém, embora esta seja uma razão importante para eliminar os índices anafóricos, não é o mais importante. O sistema de índices anafóricos nos obriga a estipular que certas estruturas são exceções à teoria geral já que elas não poderiam ser interpretadas por índices anafóricos. Por exemplo, mesmo na teoria de OB as cláusulas relativas não podiam ser interpretadas da mesma maneira que outras cláusulas. Era necessário tratar cláusulas relativas como elementos anafóricos para eliminar seus índices anafóricos e ligar o pronome relativo ('who', 'quem' etc.) com a expressão-R ou à cláusula relativa que se refere.

Outras estruturas eram também problemáticas:

(44) Quanto a João, não há muito a dizer sobre ele.

ele = João

Ou o exemplo 45, do inglês:

(45) Who did Mary call an idiot as often as Jane called him a cretin?

him = who

Tanto no exemplo 44, quanto no 45, o pronome 'ele', 'him' é obrigatoriamente coreferencial ao antecedente à sua esquerda. Mas na teoria

de OB, estas estruturas não podiam ser interpretadas através dos índices anafóricos e era necessário tratá-las de maneira diferente. Vemos a discussão seguinte que (i) a eliminação dos índices anafóricos da teoria geral nos libera da necessidade de estipular que as estruturas, como nos exemplos 44 e 45, não são interpretáveis pela indexação anafórica; e (ii) esta eliminação facilita a análise das estruturas no pirahã, mencionadas acima.

Em Lasnik (1981) sérias objeções são levantadas contra a proposta de eliminar os índices anafóricos. Na seção 3.3.5.3. tentamos responder a estas objeções na discussão sobre a noção de "indexação livre" (que foi mencionada na citação de Chomsky (1981b), acima).

3.3.4.4. Regras de interpretação

Em Chomsky (1977a; 1982b) e outros trabalhos é sugerido que certas estruturas sejam interpretadas por uma regra diferente das regras de interpretação comuns (as chamadas rules of construal; ver seção 3.3.3 acima, para uma discussão desta regra).

Esta chamada "regra de predicação" entra na interpretação de formulações topicalizadas, como já vimos brevemente, cláusulas relativas e exemplos como os 44 e 45. Uma regra de predicação toma estas estruturas como sentenças abertas, satisfeitas na forma lógica pela expressão nominal - núcleo.

No exemplo 46, a representação (a) tem a forma lógica (b):

(46) (a) [o homem]_i [que_j João viu v_j]

(b) [o homem]_i [que_j João viu v_j]

Ou seja, a regra de predicação identifica os índices referenciais i e j, considerando a sentença 'que_j João viu v_j' como uma predicação expressão nominal 'o homem'_i.

Através deste tipo de regra conseguimos, a meu ver, um tratamento unificado para uma grande variedade de estruturas, inclusive os exemplos pirahã (cf. seção 3.3.5.). Ademais, ao eliminar os índices anafóricos, n

LOCALIZAÇÕES

Português	Pirahã
abertura	kaof
aqui/aí/ali/lá	gô
aquilo	gáihí
beira	xapisi
costas (parte de trás)	xigaô
centro	xibôai
frente	xapai
esquerda/direita	não existe ²
isto/isso	giisai
lado	xahoasaíi
parte superior	xapai
parte inferior	tiapai

OUTROS OBJETOS

Português	Pirahã
água	pii
agulha	pihioisai
anzol	báagihí
arco	hóoi
areia	tahoasi
borracha	tioii
pulseira	xaitaoí
buraco	xooí
cabo	xiitoii
cachaça	pitísi
caminho	xagí
campo/horta/roça	xogaí
canoa de brancos	xagaa
canoa de pirahã (de casca)	kagahóí
carvão	hoaípóí
casa	kaííi
cesta	kahiaí
céu	bigí
chama	hoaxioí
chapéu	sapioí
chumbo	hoasgíkoí
chuva	pii

cinzas	hoatíi
colar	xáihoi
corda	tioiai
dinheiro	gíigohóoi/kapiiga
facã	kaháíxioi
flecha de pescar	poogahai
flecha de pássaro	xáapahai
flecha	kahai
fogo	hoaí
fonte	pii
forno	pixaói
igarapé	piiaooi
janela	kaoi
lago	xaabói
lama	bigixihói
linha de pescar	tioiai
linha de costurar	soioágahái
lua	kaháíxáii
machado	taísi
mar	piigiotigai
nuvem	hóáxai
névoa	hóáxai
pano	baósaí
papel	kapiiga
pedra	xaxái
pente	xisoí
petróleo	xisiíhóai
pillão	xixóhoi
poeira	bihóáxai
pólvora	hoatíi
porta	kaoi
praia	tahoasi
prato	pagatoi
rede	baósaípisi
remo	piipói
rio	pii
sal	giotigai
sol	hisí
sombra	biíhóigíxi/xopípa

LOCALIZAÇÕES

Português

abertura	pirahã
aqui/aí/ali/lá	kaof
aquilo	gó
beira	gáihí
costas (parte de trás)	xapisi
centro	xigaó
frente	xibóai
esquerda/direita	xapai
isto/isso	não existe ²
lado	gisai
parte superior	xahoasafí
parte inferior	xapai
	tiapai

OUTROS OBJETOS

Português

água	pirahã
agulha	pii
anzol	pihioisai
arco	báagihí
areia	hóoi
borracha	tahoasi
pulseira	tioii
buraco	xaitaoí
cabo	xooí
cachaça	xiitoii
caminho	pitísi
campo/horta/roça	xagí
canoa de brancos	xogaí
canoa de pirahã (de casca)	xagaoa
carvão	kagahóí
casa	hoapóí
cesta	kaifi
céu	kahiaí
chama	bigí
chapéu	hoaxioí
chumbo	sapioí
chuva	hoasfígoi
	pii

cinzas	hoatíi
colar	xáihoi
corda	tioiai
dinheiro	gíghohói/kapiiga
faca	kaháixioi
flecha de pescar	poogahai
flecha de pássaro	xápahai
flecha	kahai
fogo	hoaf
fonte	pii
forno	pixaói
igarapé	piiaooi
janela	kaoi
lago	xaabói
lama	bigixihói
linha de pescar	tioiai
linha de costurar	soioágahái
lua	kaháixái
machado	taísi
mar	piigiotigai
nuvem	hóaxai
névoa	hóaxai
pano	baósaí
papel	kapiiga
pedra	xaxái
pente	xisoí
petróleo	xisiíhóai
pillão	xixóhoi
poeira	bihóaxai
pólvora	hoatíi
porta	kaoi
praia	tahoasi
prato	pagatoí
rede	baósaípsi
remo	piipói
rio	pii
sal	giotigai
sol	hisí
sombra	bihóigíxi/xopípa

terçado
terra
teto
vento

PARENTESCO

Português

avô (avó)

criança

filho

filha

filhos

irmão/irmã

primeira geração

ascendente do ego

geração do ego

primeira geração

descendente do ego

tagasága
bigí
xabísi
xiohói

Pirahã

xibígaí

tiobáhai

hoagí

hoísaí

hoísaí/hoagí

xahaigí

baíxi/xogiái

xahaigí

tiobáhai

PARTES DO CORPO

Português

asa

barba

boca

cabeça

cabelo

calcanhar

cara

carne

chifre

cintura

costas

costelas

cotovelo

coxa

dedo

dedo do pé

dedo polegar

espinha dorsal

Pirahã

xisipóai

xisaitaí

kaopai/kaoi

xapapai

xapaítaí

xatógó xioí

xaíi

xigíhií/xisigíhií/(animal)

xisapaí

kahai

xigaó

xipáaí

xapixioitoií

xaahoí/xipóoi

xopái

xahóisi

xoaíi

xohoaíi

koxopai/koxoi

tiipai

xibíoi

boitópai

xahíai

xaósi

xoiíígaí

kosihoíxi

xiipópai

xisai

xoái

tiapai

xitaói/xitaopai

kosi

xáooí/xáopai

xaí/xisaí

sitoí

xoóí

xaaí

bohóí

xísitaí

xisitaí

poobahai

xisoobái

xaipoí

xisai

tiapai

xígai/xígatoí

xaíi

biipai

bógai

xitósi

xaaxíoi

saxaohoi

xopói

kopáísi

kasiitohoi

estômago

fezes

fígado

garganta

gordura

joelho

junta

lágrimas

língua

mandíbula

mão

nádegas

nariz

olho

orelha

osso

ovo

palma

pé

peito

pelo

pena

pênis

penugem

perna

queixo

quadril

rabo

rosto

sangue

seio

testículos

tornozelo

umbigo

unha

urina

virilha

PLANTAS

Português

algodão	<u>pirahã</u> piisi
arroz	xahóikasí
árvore	xií
batata	báagahái
café	kapíxi
cana	xáodáisai
capim	páaxái
casca	xiipí
castanha	tíihí
cipó	hói
cuia	xatai
feijão	gihíókasí
flor	xáobai
folha	tai
grama	biosí
lenha	hoái
macaxeira	báasi
manga	xáchoi
mato	xooí
mel	xáahái
melancia	hoagasiá
milho	tihoahai
palha	xabísi
palmito	xáabohóisi
paxiúba	xabóipi
pimenta	xigagí
raiz	xaai
ramo	xaofixaoi
semente	xaoísi
tabaco	tíhi
taquara	kahaiboi
tronco	xiapai

POSIÇÕES

Português

ao lado	<u>pirahã</u> xahoao
atrás	xitió

dentro/em

em baixo	kaó
em cima	bíigió
em frente	xapó
entre	xapaó
fora	koo
longe	kaó
próximo	kaó
sobre	xigihíniio
	híóó/híba

QUANTIDADES

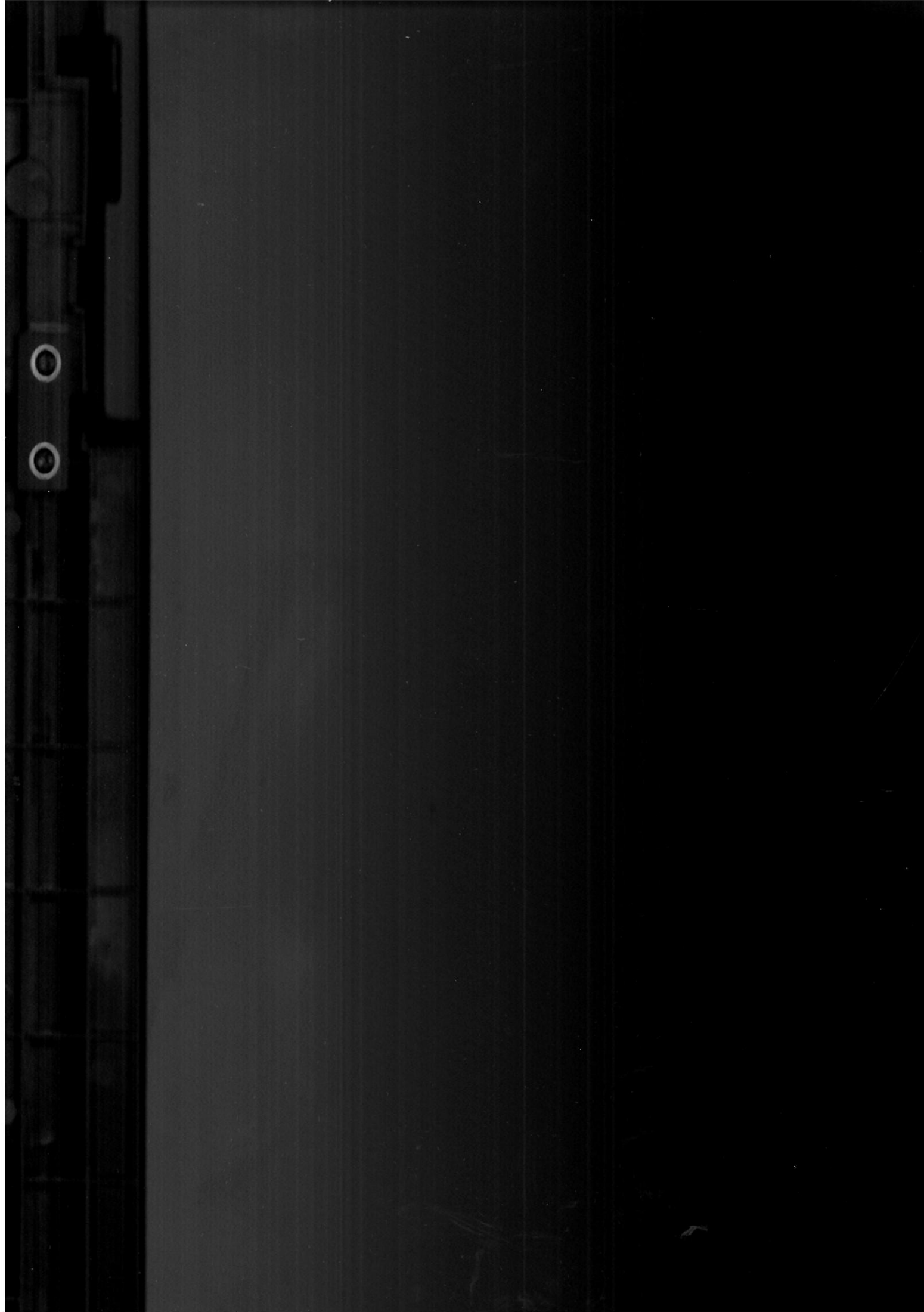
Português

cheio	<u>Pirahã</u> kaabi
dois	hoi
inteiro	xogió
metade	xaibóai
muito (nomes contáveis)	xaíbai/báagiso
muito (nomes não contáveis)	xapagí
nada	xi ába
parte/pedaço	xaibóai
pouco	xóhi
todo	xogió
um	hói
vazio	xasí

TAMANHOS

Português

alto (de altura)	<u>Pirahã</u> pixi
alto (de água)	xoába
baixo (de altura)	biníhiio
baixo (de água)	xai
comprido	pixi
curto	tioíhi
estreito	xóhi
fino	xaabi
grande	xogií
grosso	xibígaí
largo	xogií/pii xigiábi
pequeno	xóhi



_____. & Postal, P. 1980. Arc-Pair Grammar. Princeton: Princeton University Press.

Kayne, R. 1975. French Syntax: The Transformational Cycle. Cambridge, Mass.: MIT Press.

_____. 1981a. "Unambiguous Paths". In: Robert May & Jan Koster. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.

_____. 1981b. "ECP Extensions". In: Linguistic Inquiry 12, 93-133.

_____. 1982(?). "Complex Inversion Chains in French". Mimeografado.

Keenan, E. & B. Comrie. 1977 "Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar". Linguistic Inquiry 8, 333-361.

Kimball, J. 1973. The Formal Theory of Grammar. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Koopman, H & D. Sportiche. 1982 "Variables and the Bijection Principle". In: The Linguistic Review 2, 139-161.

Kuhn, T. 1962. The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: University of Chicago Press.

Kuno, S. 1978. "Japanese: A Characteristic OV Language". In: W. Lehmann (ed.). Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.

Labor, W. 1972. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Lakatos, I. 1970 (tradução em 1979). "O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa". In: I. Lakatos & A. Musgrave (eds.). A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo: Cultrix.

Lakoff, G. 1968. "The Problem of Reference in Transformational Grammar". Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.

_____. 1971. "On Generative Semantics". In: Danny Steinberg & Leon Jakobovits (eds.). Semantics. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.

_____. 1977 (?). "Linguistic Gestalts". Mimeografado.

_____. & Johnson, M. 1981. Metaphors We Live By. Chicago: University of Chicago Press.

Langacker, R.W. 1982. "Space Grammar, Analysability, and the English Passive". In: Language 58, 22-80.

Lasnik, H. 1976. "Remarks on Coreference". In: Linguistic Analysis 2, 1-22.

_____. 1980. "On Two Recent Treatments of Disjoint Reference". In: Linguistic Research 1, 48-58.

_____. 1981. "On Two Recent Treatments of Disjoint Reference". In: The Journal of Linguistic Research 1.4.

_____. & Freiden, R. 1981. "Disjoint Reference and WH-Trace". In: Linguistic Inquiry 12, 39-54.

Lehmann, W. (ed.). 1978. Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.

Lefebvre, C. 1980. "Cases of Lexical Complementizers in Iuzco Quechua and the Theory of Comp". Journal of Linguistic Research 1, 91-112.

Li, C. (ed.). 1976. Subject and Topic. New York: Academic Press.

Longacre, R. 1976. An Anatomy of Speech Notions. Lisse: Peter de Ridder Press.

May, R. 1981. "Movement and Binding". In: Linguistic Inquiry 12, 215-243.

_____. 1982. The Grammar of Quantification. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.

- ____ & Koster, J. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- McCarthy, J. 1979. "On Stress and Syllabification". In: Linguistic Inquiry 10, 443-465.
- McCawley, J. 1976. Adverbs, Vowels and Other Objects of Wonder. Chicago: University of Chicago Press.
- ____. A sair. Thirty Million Theories of Grammar.
- Muysken, P. 1981. "Quechua Word Structure". In: Frank Heny (ed.). Binding and Filtering. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Nida, E. 1946. Morphology. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Nimuendaju, K. 1948. "The Mura and Pirahã". Bulletin 143, Handbook of South American Indians Vol. 3. Washington: USA Government Printing Office, 255-269.
- Partee, B. 1978. Fundamentals of Mathematics for Linguistics. Stanford: Greylock Publishers.
- Percival, W. 1976 "On the Applicability of Kuhn's Paradigm to Linguistics". In: Language 52, 285-294.
- Perlmutter, D. & Postal, P. 1977. "Toward a Universal Characterization of Passivization". Berkeley Linguistics Society 3, 394-417.
- ____ & Soames, S. 1979. Syntactic Argumentation and the Structure of English. Los Angeles: University of California Press.
- Pike, K.L. 1948. Ione Languages. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- ____. 1949. Phonemics: A Technique for Reducing Language to Writing. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- ____. 1976. Class notes. University of Oklahoma, Norman.

- ____ & Pike, E. 1977. Grammatical Analysis. Arlington, TX: UTA and SIL.
- Postal, P. 1964. Constituent Structure. Bloomington, Ind.: Indiana University Press.
- ____. 1971. Cross-Over Phenomena. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Pullum, G. & Postal P. 1979. "On an Inadequate Defense of 'Trace Theory' ". In: Linguistic Inquiry 10, 689-706.
- Radford, A. 1981. Transformational Syntax. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- Reinhart, T. 1976. The Syntactic Domain of Anaphora. Tese de doutorado, inédita, MIT, Cambridge, Mass.
- ____. 1981a. "Definite NP Anaphora and C-Command Domains". In: Linguistic Inquiry 12, 605-635.
- ____. 1981b. "Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics". Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.
- Rodrigues, I. & Oliveira, A. 1977. "Alguns Aspectos da Ergologia Mura-Pirahã". In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, no. 65.
- Ross, J. 1967 Constraints on Variables in Syntax. Tese de doutorado, inédita, MIT, Cambridge, Mass.
- Safir, K. 1982. "Inflection-Government and Inversion". In: Linguistic Review 1, 417-467.
- Searle, J. 1969. Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press.
- ____. 1974. Chomsky's Revolution in Linguistics. In: G. Harmon (ed.), On Noam Chomsky: Critical Essays. Garden City: Anchor Press.
- ____. A sair. Intentionality. Cambridge: Cambridge University Press.

- Sheldon, L. 1977. "Pedagogical Grammar of Pirahã". inédito.
- _____, S. 1973. "Pirahã Relationals, a Beginning Attempt". inédito.
- _____. 1974. "Some Morphophonemic and Tone Perturbation Rules in Pirahã".
In: IJAL 40, 279-282.
- _____. 1976. "Pirahã Verbal Suffixes". inédito.
- _____. 1977. "Mura-Pirahã Verbal Suffixes". inédito.

Smith, N. & Wilson, D. 1979. Modern Linguistics: The Results of Chomsky's Revolution. Middlesex: Penguin.

Daniel Leonard Everett

A LÍNGUA PIRAHÁ E A TEORIA DA SYNTAX

Descrição, perspectivas e teoria

3